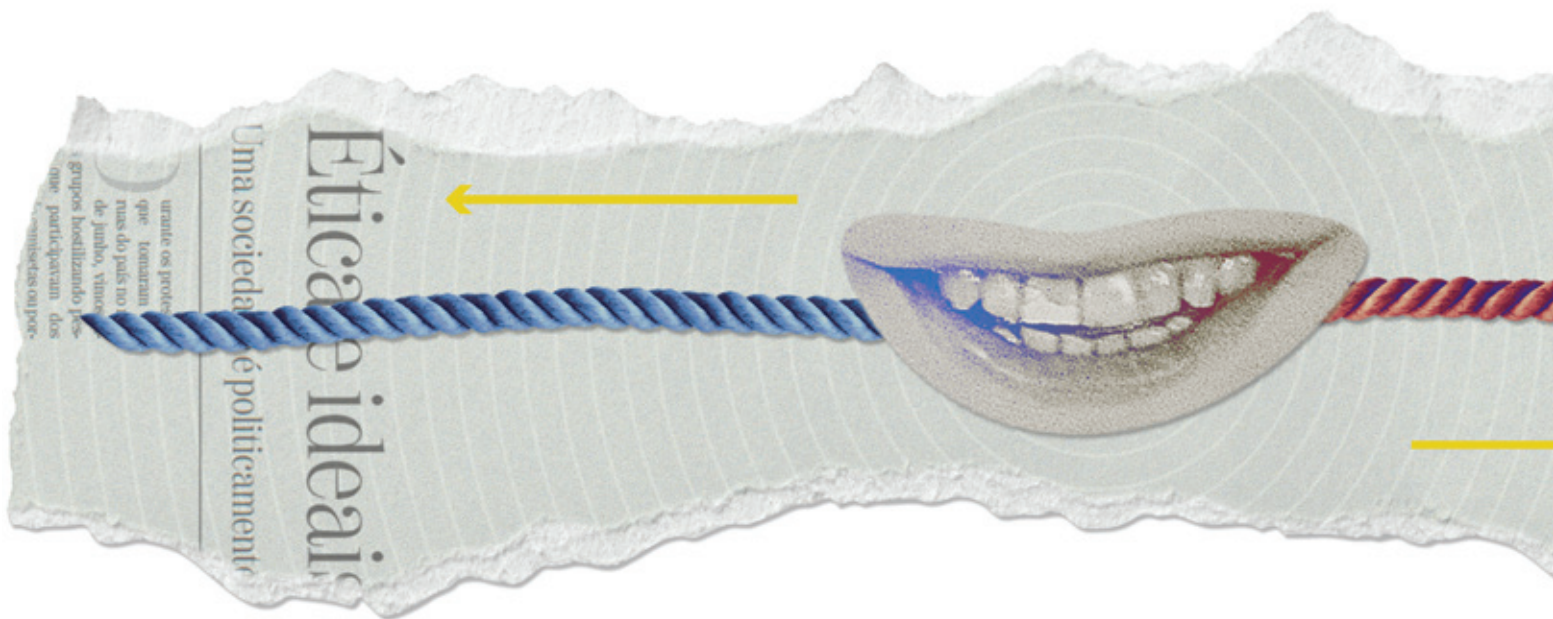


Rico e infeliz – e mesmo assim satisfeito com o comportamento antiético?

POR **JOHN PAVLUS** (BASEADO EM PESQUISA DE LONG WANG E J. KEITH MURNIGHAN)

Keith Murnighan não mede palavras. "Não sei o que vocês acham, mas eu prefiro mais renda do que menos", compara. "Mas isso me faz mais feliz? Na verdade, isso me chateia, porque fico com medo de perdê-la". Psicólogo por formação e professor de gestão e organizações na Kellogg School, Murnighan descreve sua experiência pessoal com uma das conclusões mais famosas das ciências sociais – o paradoxo de Easterlin –, percebendo que, acima de certo limite, o dinheiro pode não comprar felicidade, mas corroê-la ativamente.

O pesquisador também quis saber como a ética se cruza com a interação entre renda e felicidade. "No programa de MBA executivo em ética e liderança, onde dou aula, conversamos muito sobre como em alguns países a corrupção, suborno e outros comportamentos antiéticos são vistos como premissa: uma forma de fazer negócios", explica. "Mas minha sensação é que, mesmo que a corrupção seja generalizada, as pessoas entendem bem que o suborno não é um comportamento ético e acarreta todo tipo de consequência social negativa".



ANALISANDO POR PAÍSES, OS PESQUISADORES CONSTATARAM QUE QUANTO MAIS CORRUPÇÃO EXISTE, MENOS FELIZES AS PESSOAS SÃO

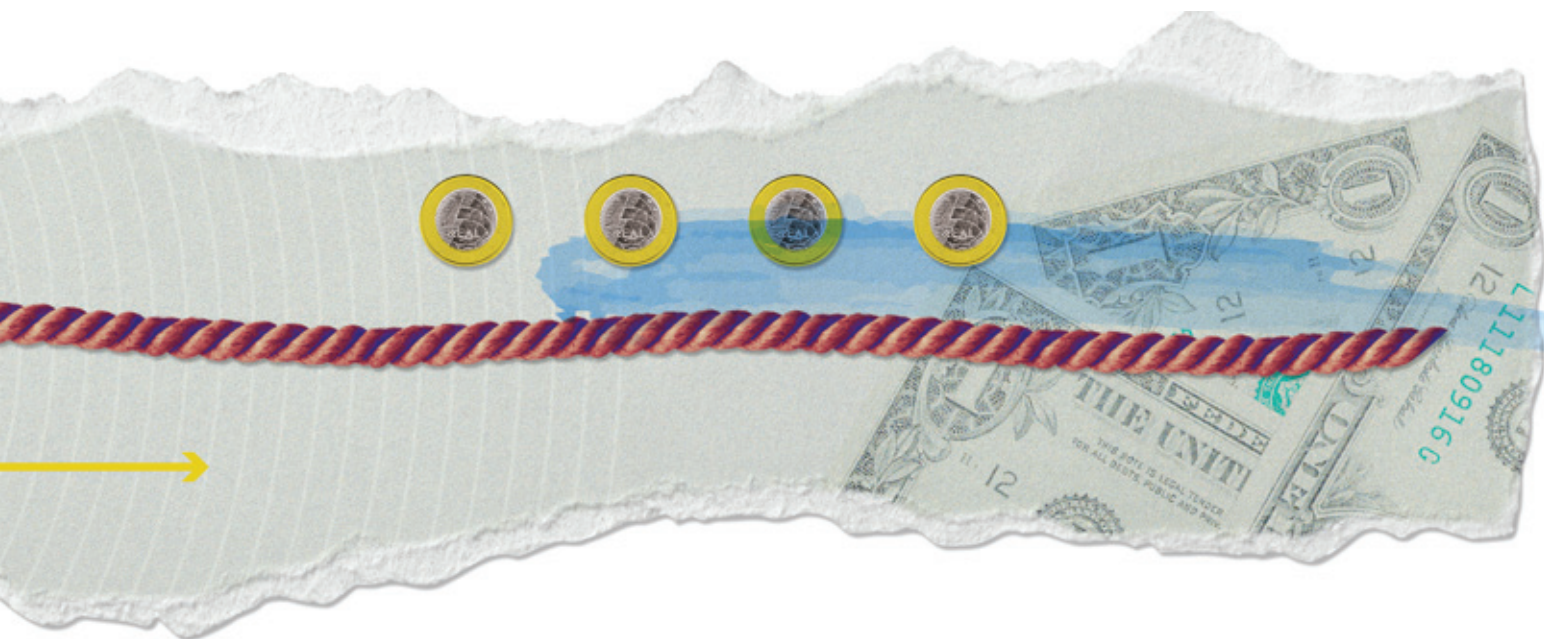
Murnighan e Long Wang, professor da Universidade da Cidade de Hong Kong, decidiram investigar como o dinheiro, a emoção e a ética se relacionam entre si, entre as pessoas e também em países. "Parte do que estudamos no passado é a ganância", afirma ele. "Platão e Aristóteles diziam que a ganância é míope, e nossos dados confirmam isso muito bem, 2.000 anos mais tarde. Assim, se levarmos isso a sério, a questão se torna: à medida que sua renda aumenta você se torna menos, ou mais, tolerante com o comportamento antiético?"

ALTOS RENDIMENTOS, GRANDES IMPACTOS Para estudar essa questão empiricamente, Murnighan e Wang usaram amostras de dados da Pesquisa Valores Mundiais (World Values Survey) de 2005-2006, que pediu a pessoas de 27 países que relatessem sua renda e avaliassem a própria felicidade

em uma escala de um a dez, dizendo se aprovavam certos comportamentos antiéticos comuns (como sonegar impostos ou usar transporte público sem pagar). "Mesmo as pessoas normais ficam tentadas a dizer: 'Sim, tudo bem', descobriu Murnighan.

Os dois pesquisadores também utilizaram dados de estudos sobre a corrupção em 55 países, com base no Relatório de Competitividade Global do Banco Mundial e nos níveis de felicidade destes países, no Banco de Dados Mundial sobre Felicidade. "Esses outros bancos de dados nos permitiram reunir essas questões de uma nova maneira e ver o resultado", diz Murnighan. "Isso não era comum em minhas pesquisas anteriores, quase todas feitas em laboratório. O que mais me admira na época em que vivemos é que podemos usar esse tipo de dados para vasculhar detalhes sobre dilemas éticos em larga escala. Certamente não esperávamos encontrar o que descobrimos".

Os resultados da análise, que Murnighan e Wang descrevem como "provocadores", mostraram uma relação entre dinheiro, felicidade e ética que evidencia quem transmite dúvidas em termos de confiabilidade. Dos 27.672 entrevistados cujos dados foram analisados pelos pesquisadores, os mais propensos a aprovar um comportamento antiético foram os profissionais com baixo nível de felicidade, mas alto nível de renda. Ao mesmo tempo, como explica Murnighan, "o resultado individual mais forte é uma combinação de alta renda e satisfação com a vida. São as pessoas que mais censuram o comportamento antiético". Analisando



por países, os pesquisadores constataram que "quanto mais corrupção existe, menos felizes as pessoas são".

RICOS, FELIZES E ÉTICOS Para Murnighan, os resultados do estudo permitem vislumbrar, de forma contundente, os fatores micro e macroeconômicos que influenciam a felicidade. "A satisfação com a vida e a felicidade são resultados desejáveis para as pessoas e as sociedades em geral", diz ele. "Não sabemos o que causa o quê: ser rico e feliz o torna mais ético, ou ser mais ético o torna mais rico e feliz? Mas podemos mostrar que as pessoas exuberantes e otimistas sobre a vida, e que por acaso têm alta renda, tendem a ser mais confiáveis".

Quanto às outras fortes correlações entre alta renda, baixa satisfação com a vida e tolerância para o comportamento antiético, Murnighan especula que "pessoas ricas e infelizes podem se sentir mal devido ao seu próprio comportamento antiético, mas pode ter sido esse comportamento que as tornaram ricas".

Embora o estudo não revele a relação de causa/efeito entre dinheiro, felicidade e ética, Murnighan suspeita que "a renda provavelmente vem em primeiro lugar". Em outras palavras, ter conforto econômico pode permitir suficiente "espaço" psicológico para considerar eticamente as necessidades e perspectivas de outras pessoas, o que poderia levar a sentimentos de bem-estar. Por outro lado, não é de surpreender que as pessoas que acumularam uma considerável riqueza, de forma

AS PESSOAS EXUBERANTES E OTIMISTAS SOBRE A VIDA, E QUE POR ACASO TÊM ALTA RENDA, TENDEM A SER MAIS CONFIÁVEIS

antiética, teriam alta tolerância ao comportamento antiético. Mas, como sugeriam Platão e Aristóteles, sentimentos positivos de bem-estar não podem fazer parte dessa equação. "Essa é uma hipótese que não me importaria de testar", afirma Murnighan.

O pesquisador destaca que os resultados mais amplos sobre corrupção e felicidade são um claro incentivo a novas pesquisas e intervenções políticas. "Isso nos dá um novo argumento para combater a corrupção", afirma. "Obviamente, queremos combatê-la, porque prejudica as pessoas. Mas, se for possível tornar uma sociedade mais feliz e atraente, com menos corrupção, essa é mais uma razão", conclui.

JOHN PAVLUS é escritor e cineasta, focado em temas de Ciência, Tecnologia e Design.